

A memória como experiência estética, artística e educativa.

Viviane Moura da Rocha¹

RESUMO

A performance artística Memória do Afeto, que atua como fio condutor para as questões teóricas investigadas, têm como participantes mulheres vítimas de violência doméstica. O objetivo é demonstrar a conexão entre o fenômeno da memória na arte contemporânea como um sólido instrumento de educação e transformação individual e social. O percurso metodológico desta investigação interligou diversos campos interdisciplinares que forneceram conceitos para pensar a prática artística, estética e educativa como condição para a recuperação do passado e para a modificação do futuro. Parte da apresentação, desenvolvimento, e interpretação de seus sentidos e significados simbólicos; esclarece alguns conceitos instrumentais como memória individual, coletiva e social e apresenta alguns relatos sobre os resultados destas experiências estéticas, artísticas e educativas proporcionados por esta arte. Como o foco está na preocupação com as relações humanas, onde as experiências individuais estão a serviço da construção de sentidos e significados coletivos, os principais resultados alcançados, após esta vivência artística, foi que as mulheres participantes recuperaram o gosto de viver e partiram para lutar por uma vida mais digna.

Palavras-chave: Memória; Arte; Educação; Mulher; Violência.

ABSTRACT

The artistic performance Memória do Afeto, which acts as a guiding thread for the investigated theoretical issues, has female victims of domestic violence as participants. The objective is to demonstrate the connection between the phenomenon of memory in contemporary art as a solid instrument of education and individual and social transformation. The methodological path of this investigation interconnected several interdisciplinary fields that provided concepts for thinking about artistic, aesthetic and educational practice as a condition for recovering the past and for modifying the future. Part of the presentation, development, and interpretation of their symbolic meanings and meanings; clarifies some instrumental concepts such as individual, collective and social memory and presents some reports on the results of these aesthetic, artistic and educational experiences provided by this art. As the focus is on the concern with human relationships, where individual experiences are at the service of the construction of collective senses and meanings, the main results achieved, after this artistic experience, were that the participating women recovered the taste for life and left to fight for a more dignified life.

Keywords: Memory; Art; Education; Woman; Violence.

¹ Universidade Federal do Maranhão/BR: Professora de Licenciatura em Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação Gestão de Ensino da Educação Básica/PPGEEB - viviane.rocha.vmr@gmail.com – Formação acadêmica: Universidade Federal do Rio Grande do Sul /UFRGS/BR. Pós-Doutorado em Filosofia/Estética/PDJ/CNPq; Doutorado e Mestrado em Artes Visuais: História, Teoria e Crítica de Arte/UFRGS/BR.

INTRODUÇÃO

Memória do Afeto, no campo das Artes Visuais, é uma Performance presencial e coletiva, que conta com a participação de mulheres vítimas de violência e simpatizantes da luta contra este grave problema social do Brasil, mas também do mundo. Portanto, tem como tema a violência contra a mulher, mais especificamente a violência doméstica e a ética da diferença sexual. A Performance presencial pressupõe a imediaticidade de toda uma experiência compartilhada por artista e público. Esta produção artística leva as mulheres para as ruas das cidades com o objetivo de transformar a qualidade de vida destas pessoas, mas também de chamar a atenção da sociedade para esta situação insustentável em pleno século XXI. A Performance, obra da artista brasileira Beth Moysés (SP), ocorreu inicialmente em São Paulo (2000) e a partir daí seguiu acontecendo em Brasília (2002) e na Espanha em Madrid (2002) e Sevilla (2005). Esta ação poética conta com a participação, em média, de cento e cinquenta (150) mulheres vítimas de violência que, após esta vivência estética, artística e educativa buscam reconstituir suas vidas.

Figura 1 - Memória do Afeto

Performance em Brasília (2002); Sevilha (2005); São Paulo (2000); Madrid (2002) detalhes



WWW.bethmoyses.com.br – acesso em: 28/10/2005 e 24/01/2009

As características formais desta performance se destacam pela linguagem visuasimbólica e expressiva, que apresenta questões pouco enfrentadas pela

sociedade, provocando intensas e profundas reflexões. Também se caracteriza pela interferência direta das *performers* na elaboração dos diversos rituais ao final de cada apresentação desta ação poética, a partir de soluções apresentadas pelos diferentes grupos de mulheres. Outra característica relevante é que, mesmo sendo uma performance presencial, esta poética surpreende por continuar provocando emoções no público mesmo através dos seus registros, no caso os *slides* e/ou fotografias, tal a relevância do tema. Memória do Afeto leva as participantes, as *performers*, para as ruas das cidades, onde se apresentam vestidas de noivas, desejando transformar a qualidade de vida destas mulheres, mas também visando chamar a atenção da sociedade para o tema. Portanto, trata da memória individual, mas também da memória coletiva e social.

Entretanto é a **memória afetiva** a protagonista desta arte, que se distingue da renovação das situações afetivas já experimentadas, pois é provocada pela recordação dos fatos que já causaram uma primeira vez esses afetos, é a recordação dos fatos passados acompanhada de uma riqueza particular de estados sentimentais.

Desse modo, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, porém Maurice Halbwachs, nos anos de 1920-30, já havia afirmado que a memória deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno que é construído coletivamente e submetido a transformações e mudanças constantes. Ele acredita que a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. Acrescenta Maurice Halbwachs que a rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos. Se a nossa impressão pode se basear na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas. Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos, isso acontece porque jamais estamos sozinhos. (HALBWACHS, 2006)

Toda memória é social, mas não necessariamente coletiva, diz Joël Candau (2012) e em alguns casos e apenas em certas condições se produzem “interferências coletivas” que permitem uma abertura recíproca, a inter-relação, a interpenetração e a concordância mais ou menos profunda de memórias individuais. A memória coletiva segue as leis das memórias individuais que, permanentemente, mais ou menos influenciada pelos marcos de pensamento e experiência da sociedade global, se reúnem e se dividem, se encontram e se perdem, se separam e se confundem, se aproximam e se distanciam, em múltiplas combinações que formam configurações memoriais mais ou menos estáveis, duráveis e homogêneas. Assim, a memória coletiva, como a identidade da qual ela é o combustível, não existe se não diferencialmente, em uma relação mutável mantida com o outro (CANDAU, 2012, p.49,50). Logo, podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do

sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Vejam algumas das suas características formais: inicialmente o **vestido de noiva**, objeto simbólico aqui utilizado, é o vestuário feminino tradicional no rito do casamento que, mesmo re-significado, nos dias de hoje, ainda carrega um forte sentido. Traje da mulher no dia do casamento, o vestido de noiva é o grande mito feminino, afirma a artista Beth Moysés, que declarou:

Nestes vestidos se encontram contidos os sentimentos que invadem a mulher quando se casa: a ilusão e a fantasia, o desejo de ser feliz. Eu pretendo confrontar tudo isso com o que depois viverá a mulher, uma série de experiências em torno dos maus tratos (Diário de Mallorca/ Espanha. 20/04/2006)

Na Performance Memória do Afeto, o vestido de noiva pode ser pensado como uma segunda pele. A pele, enquanto superfície parece ser um meio possível da representação sem ser por esta razão representável. Mas ela é apenas uma superfície de registro dos sinais da aparência. Romper sua superfície jamais permitiria que se visse o que há por detrás, já que a própria pele é um “existir” que se dá a ler, a ver e a tocar. Em vez de considerá-la como uma superfície intermediária entre o fora e o dentro, parece que, no dia-a-dia, ela é mais uma superfície de auto-inscrição, como um texto, mas um texto particular, pois seria o único a produzir odores, sons e a incitar o tocar. O curioso é que a pele retira do corpo seu *status* de objeto, no momento em que não é mais percebida como invólucro das formas. Tal qual uma superfície com seus próprios relevos, transforma o corpo/objeto em corpo/texto (JEUDY, 2002).

Esta segunda pele que o vestido de noiva simboliza sugere uma marca, como uma cicatriz, pois nela vem inscrita a história do casamento infeliz de muitas das mulheres que estão participando da Performance e de tantas outras. Vejam o que diz a artista sobre esta vivência:

Gostaria de relatar a história de uma senhora de 80 anos, que participou da performance em Madrid e que surpreendeu a todos. Ela contou que era viúva e que sofreu maus tratos durante todo seu casamento, quando soube da performance, foi até a reunião e me disse que tinha certeza que nunca mais vestiria um vestido de noiva, mas que por esse motivo abriria uma exceção, pois não queria ver mais ninguém passando por esse tipo de problema que ela passou. Participou da performance e quando terminou, chorou muito e me agradeceu a oportunidade de viver aquele momento (entrevista para a pesquisadora em 19/08/2006).

O vestido de noiva símbolo do sonho feliz da união amorosa através do matrimônio, só pode ser usado novamente pela mulher violentada porque foi re-significado. Esta re-significação, parece que fechou portas da memória que não poderiam mais ser abertas pela dor que ainda causam ao serem lembradas. *Léthe*, esquecimento em grego antigo, assume como condição para a sobrevivência, e agora, o vestido, em vez de carregar as memórias da infelicidade e a esperança de felicidade frustrada, transforma-se no símbolo de uma bandeira de luta. Transforma-se numa mensagem de alerta para aquelas que ainda vão viver a experiência do matrimônio. Só

assim foi possível para algumas mulheres tornar a vestir esta outra pele... a pele da esposa espancada, humilhada e violentada.

Outra característica desta ação poética é a **tristeza das noivas/performers**, particularidade contrastante nesta situação e que causa estranhamento. A tristeza passiva, comenta Jean Paul Sartre (2008), é caracterizada por uma conduta de abatimento. Há diminuição do tônus muscular, palidez, resfriamento das extremidades; a pessoa vira-se para um canto e permanece sentada, imóvel, oferecendo ao mundo a menor superfície possível, não reagindo ao sofrimento. Mas a tristeza ativa pode assumir muitas formas. A cólera, a raiva é, talvez de todas as emoções, aquela cujo papel funcional é o mais eficiente.

O que acontece com as mulheres que se dispõem a participar da obra Memória do Afeto é algo além da experiência física de vestir um traje típico feminino e sair pelas ruas em protesto contra a violência doméstica, pois acontece uma *catarse*². Memória do Afeto provoca esta *catarse* nas *performers* que são vítimas de violência no casamento, assim como nas filhas destes lares de violência e que também participam desta ação. A Performance, de alguma maneira, atenua a perturbação traumática, mas principalmente impulsiona estas mulheres a mudarem suas vidas, a re-escreverem suas histórias e voltarem a reconstruir seus lares. A obra possibilita esse acontecimento, que é privado, mas que também é público, e enquanto privado, individual provoca acontecimentos no íntimo das participantes.

Memória do Afeto em São Paulo (2000) aconteceu pela primeira vez, no “Dia internacional de não violência contra a mulher”. As *performers* partiram da Rua da Consolação com a Avenida Paulista e caminharam até a frente do shopping Paulista. A performance contava com a participação de cento e cinquenta mulheres voluntárias, que se tornaram *performers*. Mulheres de diferentes gerações, várias delas vítimas de violência doméstica e outras somente sensíveis ao tema e parceiras na luta. Vestidas de noivas, nas mãos buquês de rosas brancas, elas caminharam silenciosamente pela cidade despetalando as flores pelas ruas por onde passavam.

Figura 2 - Memória do Afeto, São Paulo, 2000
As rosas sendo despetaladas pelas ruas da cidade (detalhe)



As pétalas de rosas lançadas pelas ruas da cidade parecem simbolizar a esperança de caminhos melhores na vida de muitas delas, mas também é uma tentativa poética de chamar a atenção da cidade para a violência doméstica sofrida por muitas mulheres e conseqüentemente por seus filhos. As rosas, que as *performers* vão despetalando pela cidade, deixando um rastro de pétalas brancas na avenida, vão marcando um caminho percorrido que conduzirá ao desfecho desta performance. Para o público conhecer o final desta ação poética basta seguir o caminho no chão coberto de pétalas de rosas

Já o **buquê de rosas** que as *noivas-performers* carregam é outro objeto simbólico usado em algumas apresentações da Performance. A rosa é a flor consagrada a Afrodite, deusa do amor na mitologia grega, Vênus para os romanos. Na Antiguidade, a rosa tem também uma conotação fúnebre. Este simbolismo foi absorvido pelo cristianismo como o amor, a pureza e também como martírio. A tradição cristã, fez sua esta significação, vendo na rosa com seus espinhos a imagem do tormento e dos martírios (IMPELLUSO,2004).

Em um dos rituais de finalização de Memória do Afeto as *performers* enterram os espinhos do buquê-de-noiva como quem quer sepultar e esquecer a dor, porque *Léthe*, o esquecimento, é considerado nos Mitos Cosmológicos uma fonte da morte, pois a morte se define como o domínio do esquecimento e a memória como uma fonte de imortalidade. Já nos Mitos Escatológicos o esquecimento é condição para retorno à vida e a memória guarda tudo o que viu no outro mundo (VERNANT,1990).

Beth Moysés relata outra situação motivada por esta experiência estética:

Tem uma história que aconteceu com uma mulher na primeira Performance em São Paulo que eu continuo dando como exemplo, pois me emociona até hoje. Há cinco anos essa mulher sofria maus tratos do marido; ele mandava ela embora de casa, ela não ia, humilhava-a de todas as maneiras e a situação dela era muito difícil. Quando participou da Performance no Dia Internacional da não violência contra a mulher, ela enterrou os seus espinhos, que simbolizavam a violência sofrida, voltou para casa, arrumou as malas e partiu, com certeza, para uma vida melhor (entrevista à pesquisadora, em 19/08/2006).

Memória do Afeto, parecem querer reforçar a auto-estima das mulheres e relembrar a força e poder de algumas personagens narradas em relatos mitológicos e históricos. Mas parece também buscar escavar lá no fundo da memória coletiva, a origem dos maus tratos que milhões de mulheres vêm sofrendo ao longo dos séculos. Porém, o aspecto mais poderoso desta ação poética é provocar mudanças no comportamento das vítimas de violência que vivenciam esta performance. Pode-se pensar que é também um modo de chamar a atenção para a capacidade que a própria mulher tem para mudar seu destino, pois ao silenciar sobre as agressões físicas e morais se torna cúmplice desta violência, assim como todo aquele que se omitem com relação ao tema.

Memória do Afeto em Brasília (2002) aconteceu com a participação de mais de cem mulheres em peregrinação pelas ruas da capital, com passos firmes e decididos, mas novamente parecendo um cortejo fúnebre. A caminhada partiu do Espaço Cultural Contemporâneo Venâncio, passando pelo Eixo Monumental, até uma área pública próxima à Catedral de Brasília. É possível perceber a repetição da jornada pelas ruas da cidade, mas diferente da anterior as *noivas/performers* não despetalam os buquês de rosas que levam nas mãos. Este novo grupo propõem uma ação de finalização desta performance diferente da que aconteceu em São Paulo.

Figura 3 - Memória do Afeto, Brasília, 2002
As noivas/performers plantando os buquês de rosas. (detalhe)



WWW.bethmoyses.com.br – acesso em: 28/10/2005 e 24/01/2009

Esta ação de plantar as flores pode significar a esperança de estar cultivando novos afetos e novos sonhos de felicidade. Ou até mesmo, este ato simbólico de plantar os buquês, pode ser interpretado segundo o ditado popular que diz: “quem planta colhe o que plantou”. Talvez por isso é que agora as *performers* estão plantando as flores. A finalidade da ação, segundo Beth Moyses, “foi de fazer um trabalho coletivo de união das pessoas em busca do afeto” (Jornal do Brasil, 0211/2002. Brasília/BR).

Memória do Afeto em Madrid/Espanha (2002), levou novamente para as ruas mais de cem mulheres. É pela repetição deste ritmo de cortejo fúnebre na caminhada das *performers* que podemos pensar tratar-se do enterro simbólico daquele amor que rimou com dor, do afeto perdido, do casamento infeliz ou até mesmo daquela vida de

violência. Nesta ação, a peregrinação pelas ruas com o buquê de rosas é semelhante a da versão apresentada em São Paulo, mas a diferença está em que, ao sair da *Casa de América*, depositaram os espinhos de suas rosas em uma almofada de veludo, como aquela que leva as alianças na cerimônia do casamento, andaram até a fonte de Netuno, deus da mitologia greco-latina (BRANDÃO,1991) e ali arrancaram uma a uma as pétalas de suas rosas deixando-as cair no chão da fonte como se fossem lágrimas clamando por justiça.

O apoio dado pelas mulheres espanholas para repetir a performance Memória do Afeto em Madrid, transformou esta ação poética, sensível às questões ainda em nosso tempo, em um ato de manifestação social.(*El Mundo*, 26/06/2002. Madrid/ES).

Figura 4 - Memória do Afeto, Madrid, 2002

As noivas/performers depositando os espinhos do buquê de rosas em almofadas. (detalhe)

☐



WWW.bethmoyses.com.br – acesso em: 28/10/2005 e 24/01/2009

Memória do Afeto em Sevilla (2005), aqui também as *performers* continuam repetindo o traje de noiva e a caminhada pelas ruas da cidade no mesmo ritmo de cortejo fúnebre. Mas agora carregam algo diferente do buquê de noivas. É um objeto que poderia ser identificado tanto como um baú, lugar onde guardamos as memórias, ou como um ataúde, objeto que, em nossa cultura judaico-cristã, é o lugar onde são colocados os mortos para serem enterrados ou cremados. A performance-manifesto, como foi chamada pelos jornais espanhóis, com quase cem mulheres, partiu de *Reales Atarazanas*, cruzou o *Passo Colón*, a *Puerta de Jerez* e a *Avenida da Constitución* até alcançar a *Plaza Nueva*.

Como uma grande bandeira branca da paz percorrendo as ruas da cidade, as noivas repetiram a caminhada rumo a uma praça pública. Novamente centenas de mulheres, vestidas de noivas, transportando nos ombros um baú branco, parecendo um caixão de defunto. No final da Performance, chegando à *Plaza Nueva*, as performers repetiram a posição circular ao redor deste “baú de mágoas”, como foi chamado por elas, que continha lembranças de relacionamentos amorosos, de casamentos, como flores secas, fotos, convites, entre outros pertences coletados com as mulheres de Sevilha também vítimas de violência doméstica.

Figura 5 - Memória do Afeto, Sevilha, 2005

As noivas/performers caminhando até a *Plaza Nueva*, Espanha. (detalhe)



WWW.bethmoyses.com.br – acesso em: 28/10/2005 e 24/01/2009

Mas desta vez as *noivas/performers* realizaram a queima deste baú com tudo o que tinha dentro. Foi somente quando tudo se transformou em cinzas que as *noivas/performers* partiram em silêncio, como quem deixa pra trás toda tristeza e parte com esperança e força para dias melhores.

Quanto aos objetivos destas performances, Beth Moyses reforça que, para “tocar o coração das pessoas, não silenciar o que está acontecendo e comunicá-lo abertamente, é a maneira de conseguir a força que necessitam hoje as mulheres para denunciar o que está acontecendo” (*El País*, 26/06/2002.*Sevilla/ES*).

Figura 6 - Memória do Afeto, Sevilha, 2005

As noivas/performers queimando o baú de magoas na *Plaza Nueva* (detalhe)



www.bethmoyses.com.br – acesso em: 28/10/2005 e 24/01/2009

Portanto, a poética *Memória do Afeto*, por evocar a memória e a história das mulheres, desencadeou uma série de ações transformadoras na vida de muitas delas. Por isso, as mulheres vítimas de violência que participam desta Performance, direta ou indiretamente, como *performers* ou como simpatizantes, foram profundamente afetadas na percepção de si mesmas e da sociedade em geral e compreenderam que é possível re-escrever a história das mulheres, que é possível transformar seus próprios destinos.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. v.1,2,3. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
_____. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Ma Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012..

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IMPELLUSO, Lucia. *La Nature et ses symboles*. Paris: Éditions Hazan, 2004.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. Tradução Tereza Lourenço. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. Tradução Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Recebido em: 20/11/2021

Aprovado em: 15/12/2021

Publicado em: 17/12/2021